



O Atendimento Educacional Especializado – AEE, afetividade e a contribuição do neuropsicopedagogo institucional sobre o Transtorno do Espectro Autista

The Specialized Educational Service - AEE, affectivity and the contribution of the institutional neuropsychopedagogue on the Autistic Spectrum Disorder

DOI: 10.56238/isevmjv2n2-008

Recebimento dos originais: 02/06/2023

Aceitação para publicação: 23/06/2023

Sandra Regina Algaranhões da Silva

E-mail: algaranhaessilva@gmail.com

Carlos Alberto Saraiva Monteiro

RESUMO

Na atualidade, o reconhecimento do AEE- Atendimento Educacional Especializado, enquanto uma prática educacional inclusiva, cuja apresentação marcante de evolução, está relacionada de modo direto ao manejo do TEA - Transtorno do Espectro Autista. Portanto, factível a realidade acerca da autonomia do estudante, a partir de intervenções cognitivo – comportamentais. Sendo assim, o reconhecimento da AEE- Atendimento Educacional Especializado como uma prática educativa efetiva tem se solidificado, e um dos campos onde isso se verifica é no tratamento dos autistas em escolas que disponibilizam tal atendimento. O esforço educacional científico contínuo de profissionais da educação e de pesquisadores tem produzido inúmeras ferramentas de ajuda aos usuários destas modalidades. O objetivo deste trabalho é, a partir da literatura científica de autores renomados, identificar o que é conceituado como Transtorno do Espectro Autista - TEA e as condutas educacionais e técnicas mais efetivas no espaço escolar. Em face do avanço das pesquisas a respeito do AEE – Atendimento Educacional Especializado, tanto dos profissionais desta área, quanto de pesquisadores, os objetivos deste trabalho trilham o caminho de busca sobre as propostas de estudo acerca do autismo, dentro de artigos científicos, para avaliar se os estudos técnicos cognitivos comportamentais são eficazes no tratamento do Transtorno do Espectro Autista - TEA, e assim poder fomentar uma avaliação acerca das estratégias mais condizentes com o atendimento nas escolas com a contribuição do neuropsicopedagogo institucional na identificação das necessidades específicas e encaminhamentos para outros especialistas.

Palavras – Chave: Afetividade, Educacional, AEE, Transtorno do espectro autista.

1 INTRODUÇÃO

Ao falar sobre o autismo, que é um transtorno global de desenvolvimento infantil, neurobiológico e genético, que em geral, se manifesta antes dos três anos de idade de uma criança e se prolonga por toda a vida, cuja adaptação escolar inicia desde cedo, visando um desenvolvimento educacional satisfatório de cada criança. Neste sentido, abrir um diálogo, a respeito das reações da TEA – Transtorno do Espectro Autista no organismo humano, elaborado

por meio de uma revisão bibliográfica, com o qual será possível compreender o autismo no meio educacional, como um comportamento causador de uma sensação incômoda e desagradável para quem desconhece o autismo, sendo por vezes causadora de medo, insociabilidade, apreensão, e é caracterizada por desconforto, por tensão.

As pessoas com autismo, não costumam ter habilidade em interagir com outras pessoas, se isolam e pouco conversam, e isto causa muito estranheza para os outros estudantes no meio escolar. E por mais que em alguns casos não sejam assim tão isolados, os autistas possuem uma fala sem alterações na fluência, como se não houvesse uma entonação, um ritmo, onde uma frase é aplicada do mesmo modo, para situações distintas, muitas vezes sem contextualização.

Nesta perspectiva, construiu-se questões que nortearam este trabalho:

- Quais são as estratégias para melhor desenvolver as habilidades que oportunizem estudos para o enfrentamento sobre o autismo?
- Qual deve ser o proceder do neuropsicopedagogo institucional frente aos impasses em episódios de desregulação com um estudante diagnosticado com autismo?
- Como minimizar as ocorrências de crises e auxiliar um estudante com Transtorno do espectro Autista e proporcionar bem-estar dentro de um ambiente escolar?

Mensurar o desafio que o professor enfrenta ao se deparar com um quadro clínico com sinais de autismo, remete-nos ao questionamento da razão que desencadeou tal transtorno. O ambiente onde esse estudante está inserido em grande parte de seu tempo pode ser o elo que deixara suscetível um diagnóstico salutar, o proceder correto diante deste fenômeno.

Em detrimento disto existe tamanha relevância para que haja a investigação sobre os motivos que podem desencadear uma aprendizagem satisfatória para o estudante, a percepção do profissional de neuropsicopedagogia institucional precisa ser aguçada, ao mesmo tempo, importante que um olhar afetivo se faça presente, isso porque estudos já oportunizam os indicativos de que o diálogo, por vezes age como o desinflar de uma situação, consegue com ganhos significativos confortar o autista, e regular uma determinada situação.

Sendo assim, e por ser consenso entre autores renomados da área de psicologia, da neurociência e da pedagogia, que cuidam de estudantes com um quadro clínico de autismo, revelam que é por meio de um método mais afetivo, que se garante um ganho significativo para o autoconhecimento do próprio estudante com o Transtorno do Espectro Autista - TEA.



Em conformidade com Caiado (2022), o autista, precisa ser percebido, como um ser que possui o seu componente natural e essencial para a sua vida humana, e o Atendimento Educacional Especializado - AEE, poderá muito contribuir de forma educacional e também terapêutica.

Condicionado pela existência de diagnóstico, o atendimento especializado é caracterizado pelo atendimento terapêutico e educacional, o que demonstra a concomitância de ambos, mas também se entende que, na ausência de um, o outro poderia substituí-lo, sem maiores prejuízos, em um prognóstico de diagnóstico limitando a ação educativa. Parece-nos ainda, que o atendimento especializado pode ter duas características: terapêuticas e educacionais. Portanto, a educação seria apenas, nesse momento, uma forma de atendimento especializado. Assim, não há correspondência direta entre educação especial e atendimento especializado, pois este pode se referir tanto à prestação dos serviços de reabilitação quanto à educação. (CAIADO, 2022, p. 67).

Também o autor chama a atenção para que, ao avaliar o TEA, com o intuito de diagnosticar o autismo, observando a desproporcionalidade; a interferência que gera incômodo a quem o desconhece; a diminuição das capacidades e dos prejuízos educacionais. É importante atentar-se para o diagnóstico causado por uma angústia sentida pelo autista, proveniente de causas neurológicas que induzem ao estado individualista com o qual os autistas são comumente identificados. Sabemos que sentimentos não são fatos, logo, “certamente estamos errados sobre isto. Certamente seus sentimentos são fortes evidências sobre como as coisas são” (ROB, 2011, p. 34).

Frequentemente, quem desconhece como é o comportamento de um autista, não entende o quanto eles expressam seus sentimentos em cada atitude apresentada em suas ações, e cada expressão de sentimento é para quem lida com o autista, uma representação, um norte para como proceder diante de seus comportamentos.

A construção do tema e a escolha também é de origem pessoal, sendo professora da rede pública de uma escola municipal e que atualmente, assumo a sala de recursos multifuncional atuando diretamente com Atendimento Educacional Especializado – AEE, é possível identificar as diversas abordagens segundo os teóricos bem como suas limitações.

Isto posto, é objetivo primordial desse estudo realizar uma revisão bibliográfica, acerca de estudos que possam avaliar a eficácia das técnicas cognitivo comportamental, que apontem para o melhor manejo do TEA, para avaliar se os estudos técnicos cognitivos comportamentais, são de fato eficazes para o desenvolvimento educacional do autista.



2 OS DETALHES IMPORTAM: O SURGIMENTO DA INCLUSÃO E DO AEE PARA OS ALUNOS COM TEA

É importante considerar a frequência e a intensidade do estado de humor que distingue os estudantes autistas dos estudantes compreendidos como normais. Em alguns casos, é possível inclusive que o autismo seja considerado como um caso patológico e que esteja afetando as atividades da vida diária e escolar de cada estudante que apresenta tais características específicas de autismo.

Nesse ínterim, deixar perceptível que o organismo humano apresentará reações físicas e psicológicas pertinentes ao quadro de TEA – Transtorno do Espectro Autista, que serão descritos nesta pesquisa, é uma das questões que este trabalho propõe ao disponibilizar para a educação estudos sobre o autismo, assim como uma das técnicas a ser usada na sala de recursos ou sala de recursos multifuncional que fazem parte da modalidade de serviços do AEE – Atendimento Educacional Especializado.

Não obstante, as resoluções que permeiam e moldam o TEA - Transtorno do Espectro Autista, se faz imperativo ser norteado pelas regulamentações impetradas pela Declaração de Salamanca de 1994, cuja resolução das Nações Unidas, tem por finalidade, tratar dos princípios, políticas e práticas em Educação Especial. Mundialmente considerada como um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social, e neste sentido se destaca o seguinte, ei-lo:

Nós, os delegados da Conferência Municipal de Educação Especial, representando oitenta e oito governos e vinte e cinco organizações internacionais em assembleia, aqui em Salamanca – Espanha, entre os dias 7 e 10 de julho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos, com necessidades educacionais especiais, dentro do sistema regular de ensino e reendossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas previsões e recomendações de governo e organizações possam ser guiados. (DECLARAÇÃO, 1994, p. 11).

Em meados de 1990, a partir do advento da Declaração de Salamanca, se formulou o conceito de educação inclusiva, a qual tinha o intuito de oportunizar educação para todos, sem distinção. “Existe um consenso emergente, de que crianças e jovens, com necessidades educacionais especiais, devem ser incluídos em arranjos educacionais, feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva”. (DECLARAÇÃO, 1994, 12).

Corroborando com esta proposta, Caiado (2022, p.96) traz a sua percepção quanto ao AEE, em:

O Atendimento Educacional Especializado, nas salas de recursos multifuncionais, se caracteriza por ser uma ação do sistema de ensino no sentido de acolher a diversidade ao longo do processo educativo, constituindo-se em um serviço disponibilizado pela escola,



para oferecer o suporte necessário às necessidades educacionais especiais dos estudantes, favorecendo seu acesso ao conhecimento. O Atendimento Educacional Especializado constitui parte diversificada do currículo dos estudantes com necessidades educacionais especiais, organizado institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar os serviços educacionais comuns. Dentre as atividades curriculares específicas desenvolvidas no atendimento educacional especializado, realizado em salas de recursos, se destacam: O ensino da Libras, o sistema de Braille, e o Soroban, a comunicação alternativa, o enriquecimento curricular, dentre outros. Além do atendimento educacional especializado, realizado em salas de recursos ou centros especializados.

Em face das assertivas de definições acerca dos elementos comuns sobre o conceito de autismo, o autor reconhece o direcionamento, isto é, o mesmo que aponta para um estado que envolve a multiplicidade de alternativas na sala de recursos ou sala de recursos multifuncional, que abrangem as ofertas para o melhor desenvolvimento de estudantes que dela necessitam, e com um manejo essencial, revertido de afetividade dedicado para a educação especial que o autista precisa.

Ademais é importante deixar evidente que os sentimentos apesar de não serem fatos, mas podem ser termômetros, e que a redução de eficiência comportamental do estudante autista, a qual consiste no decréscimo das habilidades de concentração, são, portanto, possíveis de compreensão acerca do modo como as atividades são apresentadas a eles.

Rob (2011) chama-nos a atenção para a observação acerca dos raciocínios emocionais que cada estudante autista possui, para dedicar uma atenção especial para o instante em que esses iniciam o processo de comando para a aprendizagem sob os seus pensamentos, e que, embora tendam a retroceder um pouco, em outros momentos são totalmente ágeis no que se refere à parte cognitiva.

3 A IMPORTÂNCIA DO AEE PARA O ALUNO INCLUSO

Os autistas possuem seus próprios mecanismos de aprendizagem, cabendo ao professor saber qual tecla apertar em cada dia, porque cada dia é literalmente um novo dia para os autistas, embora eles tenham alta funcionalidade de repetição de tarefas, possuem essa percepção de dias que passaram por meio do que veem ao seu redor, e talvez este seja um posto desfavorável dentro da sala de aula, e que a sala de recursos ou sala de recursos multifuncional, que são modalidades de serviços do AEE – Atendimento Educacional Especializado, pois possui em sua variedade de oferta educacional para o estudante, mas sobretudo pela diminuta quantidade de estudantes presentes em sala de aula. Observe as dicas abaixo descritas:

1. Perceba seus pensamentos. Preste atenção a pensamentos como: “Estou me sentindo nervoso, alguma coisa deve estar errada” e “Estou com tanta raiva, e isto só comprova o quanto você andou se comportando mal”, e reconheça que os seus sentimentos nem



sempre são a melhor ferramenta para medir a realidade, especialmente se você não está na sua melhor fase emocional.

2. Pergunte a si mesmo como você veria tal situação se estivesse mais calmo. Veja se existe qualquer evidência concreta que apoie a interpretação que você está fazendo dos seus sentimentos. Por exemplo, há de fato qualquer evidência certa de que algo de errado está prestes a acontecer?

3. Dê tempo a si mesmo para permitir que seus sentimentos se acalmem. Quando você estiver mais calmo, reveja suas conclusões e lembre-se que, é mais provável que os seus sentimentos sejam frutos do seu atual estado emocional (ou até mesmo fadiga) do que eles sejam indicadores da realidade. (ROB, 2011, p. 64).

Por esse e outros motivos que estão sendo elencados neste trabalho é que o estudante com autismo na maioria das vezes necessita de acompanhamento multiprofissional, onde seria muito relevante que houvesse também a inserção do neuropsicopedagogo, como um mecanismo de ajuda, com o qual o profissional especializado, possa vir a trabalhar com maiores competências e elaborar estratégias relacionadas às necessidades de seus pacientes que frequentam as escolas, pois, no instante em que esse profissional consegue identificar a necessidade específica de cada estudante autista, por meio do misto de sensações e sentimentos que diariamente apresentam na escola, este profissional consegue desenvolver as habilidades correspondente para cada um deles.

Inúmeras são as situações que podem induzir o estudante autista, à necessidade de serem observadas tal necessidade no ambiente escolar, sobretudo aqueles que refutam a previsibilidade, o senso de segurança, e a confiança como por exemplo:

- Impasse ao fazer uma escolha de um brinquedo;
- Hesitação em solucionar problemas;
- Apreensão sobre como se comportar diante de determinadas circunstâncias ou na frente de outras estudantes do ensino regular e mesmo na sala de AEE;
- Receio do que pode vir a acontecer, diante de uma situação desconhecida ou inesperada;
- Ausência de habilidade que permitam uma melhor administração de seu tempo;
- Aversão relacionada com a perda de pessoas e coisas importantes para si, ou mesmo que tais objetos sejam trocados de lugar;

O autismo em muitos casos se apresenta como uma expressão de uma emoção comum, fazendo parte no cotidiano de algumas pessoas. Ocorre que nem sempre sabemos como proceder diante dela, e nem como lidar com a sua abrangência de repercussão, tampouco identificar em cada um de nós, pois o autismo é apresentado desde a fase inicial da vida de uma criança, por vezes

descoberta da segunda fase de vida infantil, correspondente ao momento inicial de aprendizagem escolar.

Entretanto, a realidade do autista é um cotidiano muito meticuloso, cheio de regras criada por ele e nem o próprio autista percebe isto, visto que para ele suas ações são totalmente normais.

É em face destas inferências que profissional da sala de AEE, não é especialista de uma determinada deficiência, contudo está aberto para o atendimento dedicado a todos os estudantes que se constituem como público-alvo da Educação Especial, os mesmos que necessitam de serviços, recursos, estratégias, materiais, equipamentos, que promovam a participação e a acessibilidade na escola comum.

Cabe ressaltar que a deficiência possui relação direta somente com a condição biológica do estudante, embora esta condição não seja a predominante, uma vez que não há como conceber a vida sem que haja a interferência do social, tampouco conceber a condição social sem as influências do biológico.

Em face da interação entre o biológico e o social, é possível elencar que nada é estável, nada é pronto e nada está acabado.

O AEE constitui um vetor importante de transformação do ensino especial e comum exigida pela inclusão, por abordar as diferenças sem apelo às generalizações que as essencializam e que redundam em fórmulas prontas de atendimento especializado. O fato de a Política ter definido seu público específico não contradiz esta abordagem das diferenças; o AEE planeja e executa suas intervenções dentro de quadros identitários móveis individualizados, suscetíveis a influências do meio, que não estão restritos a características previamente descritas, diagnósticos e prognósticos implacáveis. (MANTOAN, 2014. p. 14).

Em detrimento da concepção acerca dos serviços de AEE – Atendimento Educacional Especializado, a deficiência sai do contexto de categoria em si, da avaliação multiprofissional e do laudo, como os mais prováveis meios de conhecer o estudante, sem que a sua deficiência seja eliminada, bem como as suas características, as quais irão além disto, porque supera a visão incorporação da homogeneidade que a encerra. É possível elencar como exemplo, o próprio estudante autista, que ao ser inserido em um modo de agrupamento marcado por uma definição onde possa ser enquadrado, se sente oprimido, perdido em si, e não produz uma boa aprendizagem, e evidencia o quanto precisa de maior espaço e dedicação oriunda de seu professor e do profissional especializado para a sala de recursos ou sala de recursos multifuncional.

4 AEE, APRENDIZADO E CONTEÚDOS AOS ALUNOS INCLUSOS

A finalidade da sala Multifuncional visa o aprendizado total e, ressalta de forma positiva, o conteúdo ensinado para mostrar como é possível que os estudantes consigam construir um saber mais independente, para evidenciarem a sua aprendizagem dentro das poucas horas de aula disponibilizadas por semana, que complementa o ambiente da sala de aula de referência, sendo necessária uma metodologia mais ativa, conforme Moran (2019, p. 09) salienta:

A aprendizagem é um processo muito mais amplo do que a escola; acontece em todos os espaços e dimensões do cotidiano, se estende e acontece em todos os espaços e dimensões do cotidiano da nossa vida. As metodologias ativas com os modelos híbridos, são caminhos para alcançar mais no conhecimento profundo e no desenvolvimento de todas as competências necessárias para uma vida plena. As metodologias adquirem um sentido amplo, quando fazem parte de um contexto de transformações profundas na forma de ensinar e de aprender em espaços formais e informais, e quando impulsionam cada um a continuar aprendendo ativamente ao longo da vida.

O processo de aprendizagem precisa ser contínuo, na medida em que os estudantes forem despertando para o conhecimento do que a eles é apresentado, de modo automático, eles são inseridos em um cenário que abrange as terapias comportamentais, que vinculadas aos modelos teóricos que as orientam, é possível destacar como as principais correntes se apresentam, ei-lo:

- 1) A Terapia Comportamental Clássica, que objetiva alterar mecanismos internos do estudante a partir do condicionamento pavloviano;
- 2) A Análise Comportamental Aplicada, ou Modificação do Comportamento, cujo objetivo é manipular contingências específicas, relacionadas à mudanças em comportamentos-alvo, sem considerar os eventos privados;
- 3) A Terapia Cognitivo-Comportamental, que visa a mudança comportamental mediante mudança cognitiva;
- 4) a Análise Clínica do Comportamento, que busca promover mudanças nas contingências a partir da relação terapêutica (VANDENBERGHE, 2021, p. 76)).

Existe um consenso, entre os analistas de comportamento, sobre a valorização desta ferramenta no que se refere a identificação de diversas funcionalidades, que variam desde as questões ambientais quanto às que exercem um amplo espectro comportamental do indivíduo.

Embora apareça em distintos contextos e, em algumas vezes de maneira bastante específica, como no caso dos Transtornos do Espectro Autista - TEA, o que podem estar muito mais perto do que se ousa imaginar, e tanto que quando encaramos a ausência de controle entrelaçada, com a possibilidade de não aceitação pelo outro a uma reação negativa quase que instantânea acontece, ou seja, uma expressão muito clara de característica de um autista.

Seguindo estas percepções, a psicoterapia cognitiva comportamental surge apresentando resultados positivos no que tange o ensino escolar para os autistas. Isto porque nela existem atividades que são realizadas dentro das sessões de aprendizado, seguindo determinados

comportamentos e habilidades que são específicos para cada situação que se apresenta. E “por mais que se saiba que a educação é um direito fundamental porque garante o processo de desenvolvimento próprio da pessoa humana”. SHEIFER (2018, p. 69).

Diante do olhar profissional de educação, o autista aprende a conter a sua ansiedade, a inibição, e como consequência, aprende descobrindo novos modos de como enfrentar as dificuldades que o permeiam no ambiente escolar.

O autismo também pode ser entendido como uma disfunção emocional, causador de grandes prejuízos na vida de uma criança em desenvolvimento aprendiz e, por associação, a vida dos que cercam este ser, que apresenta uma patologia exacerbada de exagerados desproporcionais, relacionadas ao estímulo, mas que podem ser distintos, quando se adota o conceito de normal ou qualitativamente do que se observa, interferindo desta forma na qualidade de vida de um autista, em seu conforto emocional e desempenho diário.

O trabalho de Beck (2013) e de Clark (2014) possuem o olhar para o autismo a partir de uma teoria mais comportamental, além de outros estudiosos, que caminham com estes estudos desde longo período, e inserem o TEA – Transtorno do Espectro Autista, no mesmo patamar que as práticas psicoterápicas dominantes no auxílio ao autista, e a partir disto, contribuem para sua expansão desta técnica em distintas partes do mundo, ou seja, a partir da avaliação comportamental do estudante com autismo, o professor chega a um diagnóstico educacional mais satisfatório para cada estudante.

No entanto a evolução de entendimento e conhecimento sobre a TEA, tem relação direta com a preocupação de poder atestar a sua eficiência rumo ao tratamento de variadas dificuldades psicossociais, e, popularizando-se entre os professores, clínicos e pesquisadores, e assim ter como disseminar um breve panorama acerca do autismo, bem como os seus pressupostos e a divulgação científica, que versa um pouco sobre esta prática entre os pesquisadores.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPOLOGIA DO ESTUDO

Este estudo está inserido em um escopo de revisão de literatura, dentro do qual se aplicam as inferências de cunho científico de cada autor aqui mencionado. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa levando em consideração como identificar e trabalhar com alunos com TEA bem como a contestação e desafios que se tem na atuação com esse público específico.

O pesquisador deve iniciar amplo levantamento das fontes teóricas (relatórios de pesquisa, livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses), com o objetivo de elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico, o qual fará parte do



referencial da pesquisa na forma de uma revisão bibliográfica (ou da literatura), buscando identificar o “estado da arte” ou o alcance dessas fontes. (FREITAS; PRODANOV.2013, p.131)

A pesquisa bibliográfica contribuiu bastante para o ato da investigação inclusive para abordagens futuras mais audaciosas como uma pesquisa de campo com uma amostragem significativa.

Para auxiliar no desenvolvimento e compreensão de aprendizagem, acerca deste estudo com proeminência de construção a partir de revisão de literatura. Foi feito o levantamento bibliográfico de quatro artigos com ênfase no TEA – Transtorno do Espectro Autista. Os quais serviram de suporte referencial e entendimento a respeito da temática autismo, direcionado para o contexto de inclusão na sala de aula de referência em escola comum.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao desenvolver este estudo, já havia uma problemática que o circundava sobre, como os estudantes autistas poderiam desenvolver as suas habilidades educacionais? Ora, se há autistas com potencial desenvolvimento intelectual e outros com significativa lentidão sobre atividades tidas como simples, desenvolver mecanismos de estudo para suprir a necessidade específica de cada autista, bem como os estudantes regulares, tidos como “normais”, é uma tarefa que requer grande manejo.

Ainda assim, ao identificar os estudantes como se fossem para a finalidade de grupos de estudos, fica viável atender a todos os estudantes dentro do tempo de aula, programado para cada turno. Onde o estudante com autismo terá dois tipos de atendimentos dentro da escola, onde pela manhã ou tarde frequentará a sala de referência e no período da manhã ou tarde tem o suporte educacional do AEE, sendo atendido na sala de recursos ou sala de recursos multifuncional . E mesmo em face deste suporte educacional, há necessidade de verificar o atendimento de outros especialistas fora do ambiente escolar de acordo com cada necessidade avaliada, visto que, embora sejam estudantes autistas, são pessoas individuais que apresentam diferentes níveis de suporte, e que por analogia, apresentam graus diferentes de aprendizagem.

7 CONCLUSÕES

Diante do exposto, concluiu-se que as características de identificação das necessidades específicas dos estudantes com autismo é fator de grande importância para o desenvolvimento das habilidades educacionais, e que por meio de análise bibliográfica, o tema do Transtorno do Espectro Autista - TEA, evidencia o quanto o desenvolvimento das práticas em sala de aula, podem



ser um recurso probabilístico, visto que não é a todo instante, que é possível comprovar relações funcionais que são identificadas e avaliadas no meio educacional.

Existe muita ênfase em algumas formas de identificar a mola propulsora que desencadeia as formas mais latentes e mais contidas de autismo, contudo é preciso ter sempre em mente que cada estudante é um universo de sensações, que o comportamento de estudantes com autismo não é padronizado, que sentimentos, descargas emocionais alheias ao seu próprio querer, e sem saber como proceder diante de tais situações, o que culmina em retração educacional.

A avaliação do neuropsicopedagogo institucional é de grande relevância para a identificação do contexto escolar no qual o autista está incluso, elaboração de estratégias junto aos professores e equipe escolar para proporcionar bem-estar e melhores rendimentos, bem como encaminhamento para outros especialistas para o acompanhamento desse estudante, tendo em vista a necessidade de uma avaliação e atendimentos multiprofissional, dentro (se houver) e fora da escola.

O Atendimento Educacional Especializado – AEE, com a complementação ou suplementação da Sala de Recursos ou Sala de Recursos Multifuncional irá auxiliar na ruptura de barreiras encontradas nas salas de referência que o estudante com autismo está incluso.

Não descartamos aqui a importância das políticas públicas e educacionais para o desempenho das atividades de mediação pois é importante para o trabalho, condições mínimas para bom desempenho dos atendimentos multifuncional.

Essa percepção pode colaborar como estímulo para que pesquisadores, por uma ou outra razão, venham divulgar suas pesquisas.

Logo é possível ressaltar que a estreita relação, obtida por meio das leituras que engrandeceram e moldaram esta pesquisa, evidenciaram a utilização das técnicas e seus procedimentos de intervenção, assim como a análise funcional, que reafirma a importância desta ferramenta entre os professores, para que haja novas concepções e percepções a respeito do TEA – Transtorno do Espectro Autista.



REFERÊNCIAS

- BECK, Judith S. **Terapia Cognitivo Comportamental – Teoria e Prática**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Paulo Knapp, Elizabeth Meyer. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed, 2013.
- CAIADO, K. R. M. **Prática pedagógica na educação especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado**. 1ª Edição. Junqueira & Martin Editores. 2022. Araraquara.
- CLARK, David A. **Vencendo a ansiedade e a preocupação com a terapia cognitivo-comportamental: manual do paciente** [recurso eletrônico] / David A. Clark, Aaron T. Beck; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Elisabeth Meyer. – Porto Alegre: Artmed, 2014. ePUB
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. 1994.
- FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- MANTOAN, M. T.. **Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios**. São Paulo: Moderna, 2014.
- MORAN, J. **Metodologias ativas de bolso: como os estudantes podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda**. Editora do Brasil. São Paulo. 2019.
- ROB W. **Terapia Cognitivo Comportamental para Leigos**. Tradutora Lia Gabriele. Ed. Alta Books. Rio de Janeiro. 2011.
- SHEIFER, B. **Educação Contemporânea e Diversidade**. 1ª Edição. Editora Senac. São Paulo. 2018.
- VANDENBERGHE. L. **As principais correntes dentro da Terapia Comportamental. Uma Taxonomia**. In: H.L. Guilhard. M. B. B. P.; Madi. P.P.; Queiroz. M. C.; Sicoz & C. Amorin. (Orgs). **Sobre Comportamento e Cognição**. Santo André. ESETEC. 2011.